

Quedas históricas no PIB decretam recessão no País

Resultado do PIB expressa necessidade de reformas estruturantes

Atividade industrial do RS iniciou segundo semestre em alta

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Quedas históricas no PIB decretam recessão no País

Na semana passada, o IBGE divulgou os resultados do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais referente ao segundo trimestre de 2020. No período, o PIB teve variação negativa de 9,7% em relação ao trimestre imediatamente anterior, levando-se em consideração a série com ajuste sazonal. A queda trimestral é a segunda seguida e a mais intensa da série histórica nessa base de comparação.

O resultado é reflexo direto das medidas de isolamento social e restrições às atividades produtivas, utilizadas na tentativa de conter a disseminação da Covid-19. Pela lado da oferta, a maior queda foi da Indústria (-12,3%), seguida de Serviços (-9,7%), ambos com quedas trimestrais recordes. A Agropecuária, por sua vez, cresceu (+0,4%) em relação ao primeiro trimestre do ano.

A queda da Indústria se deve à também histórica queda na margem na Transformação (-17,5%). O resultado ocorre em virtude da quase paralisação da indústria automotiva no período, assim como do fraco desempenho de máquinas e equipamentos e outros equipamentos de transporte. Também contribuem os segmentos de vestuário e calçados, todos fortemente atingidos pela pandemia. A paralisação das atividades produtivas também justifica a contração verificada na Construção (-5,7%) e Energia e saneamento (-4,4%). Por fim, a Extrativa (-1,1%) teve o resultado menos ruim do setor.

Resultado do PIB expressa necessidade de reformas estruturantes

As quedas históricas nas Contas Nacionais Trimestrais só não foram piores devido aos programas de auxílio financeiro do governo e ao crescimento de crédito para pessoas físicas. Como se não bastassem os desafios enfrentados no período pré-pandemia, a trajetória de retomada da economia levou um tombo e desceu alguns degraus: em nível, o PIB do segundo trimestre de 2020 está no mesmo patamar do final de 2009, quando o País sofria os impactos da crise financeira global. O cenário fica ainda mais adverso com as tentativas de abandono ao [teto de gastos](#), a única âncora fiscal da economia no momento.

A discussão cada vez mais presente sobre os rumos da política fiscal não é por acaso. O *déficit* primário estimado pelo Ministério da Economia (ME) para o setor público consolidado neste ano é de R\$ 891,1 bilhões, ou 12,4% do PIB. Isso é equivalente à economia que a Reforma da Previdência entregaria em dez anos. É válido ressaltar, ainda, que foi justamente a crença no compromisso com o teto de gastos que possibilitou o Governo se endividar para conter os impactos da pandemia sobre a economia.

Entretanto, apesar da segurança que essa âncora traz ao debate, ela é a saída no curto prazo, como se fosse o remédio para não sermos acometidos pelos males que nos levaram à crise de 2014-2016. O País necessita não

Pela ótica da demanda, o movimento não foi diferente. A FBKF (-15,4%) registrou a maior queda da série, assim como o Consumo das Famílias (-12,5%). Os números resumem bem a contração disseminada do segundo trimestre, que também atingiu o Governo (-8,8%). No comércio exterior, o crescimento trimestral nas Exportações (+1,8%) se deve aos maiores embarques de *commodities*, alimentos e petróleo. Já as Importações (-13,2%) respondem à menor demanda por serviços e viagens no período, assim como veículos.

No artigo abaixo, analisamos mais a fundo os resultados e discutimos as perspectivas para o crescimento da economia em 2020.

Produto Interno Bruto (PIB) - Brasil (Variação % real)

	2ºtrim20/ 1ºtrim20*	2ºtrim20/ 2ºtrim19	Acum. em 4 trim
PIB	-9,7	-11,4	-2,2
OFERTA			
Agropecuária	0,4	1,2	1,5
Indústria	-12,3	-12,7	-2,5
Extrativa mineral	-1,1	6,8	4,7
Transformação	-17,5	-20,0	-5,0
Energia e saneamento (SIUP)	-4,4	-5,8	-1,7
Construção civil	-5,7	-11,1	-1,6
Serviços	-9,7	-11,2	-2,2
DEMANDA			
Consumo das famílias	-12,5	-13,5	-2,5
Consumo da adm. pública	-8,8	-8,6	-2,4
Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-15,4	-15,2	-2,1
Exportação de bens e serviços	1,8	0,5	-2,8
Importação de bens e serviços (-)	-13,2	-14,9	-1,8

Fonte: IBGE. Elaboração: UEE/FIERGS

apenas de uma condução fiscalmente responsável, mas também mais eficiente. Por isso, a condução e liderança do debate sobre a agenda de recuperação da economia por parte do Governo seria de vital importância, enquanto a PEC Emergencial desempenharia um papel complementar nesse cenário.

Porém, a timidez com que o Executivo toca as reformas estruturantes não condizem com o momento que vivemos, já que crises são oportunidades para que mudanças expressivas possam ocorrer. Desde 2016, o País sofre com a queda no nível de investimento e da produtividade, fatos que explicam a lenta recuperação desde então. Nesse sentido, a reforma que mais contribuiria para o debate sobre um crescimento sustentável é a tributária, porém não se vê um engajamento na pauta por parte do Executivo, sem contar a insistência em um imposto sobre transações financeiras, que vai na contramão de toda a discussão sobre recuperação.

Nesse cenário incerto e desafiador, a UEE projeta uma contração de 5,1% do PIB em 2020 e enfatiza a necessidade de se retomar uma discussão objetiva quanto à trajetória de recuperação do País. O caminho, que já se mostrava difícil antes da pandemia, tornou-se mais árduo, exigindo ainda mais ação e responsabilidade do Governo.

Atividade industrial do RS iniciou segundo semestre em alta

A pesquisa Indicadores Industriais do RS mostrou que o setor manteve a trajetória de recuperação em julho

A indústria gaúcha iniciou o segundo semestre mantendo a trajetória de recuperação da crise provocada pela pandemia. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), divulgado pela FIERGS, cresceu pelo terceiro mês seguido (+3,2%) em julho na comparação com junho, com ajuste sazonal. Foram 18,5% de alta nos últimos três meses, mas ainda necessita crescer 10,0% para compensar as perdas março e abril, quando atingiu o menor nível da série histórica. Portanto, o nível do índice em julho de 2020 ainda é muito baixo, similar ao de maio de 2018 (crise dos caminhoneiros).

Calculado a partir de seis indicadores, o índice foi influenciado positivamente, sobretudo, pelo faturamento real (+7,3%), pelas compras industriais (+8,3%) e pelas horas trabalhadas na produção (+3,7%), todos em expansão pela terceira vez seguida. O emprego (+1,0%) aumentou pelo segundo mês consecutivo em julho, enquanto a utilização da capacidade instalada (-0,1 p.p.), com grau médio de 74,9%, e a massa salarial real (-0,2%) ficaram muito próximos da estabilidade.

Outra evidência do baixo nível da atividade industrial no estado é o resultado do IDI/RS na comparação com os mesmo mês do ano anterior: -7,8% em julho, no décimo mês negativo consecutivo. Em 2020, de janeiro a julho, o índice acumulou queda de 10,3% relativamente ao mesmo período do ano passado. O desempenho negativo é compartilhado por todos seus componentes: compras industriais (-18,0%), faturamento real (-11,1%), horas trabalhadas na produção (-11,6%), UCI (-6,3 p.p.) emprego (-3,1%) e massa salarial real (-9,6%). A massa salarial também sofre os efeitos das suspensões de contrato e reduções de jornada.

De janeiro a julho, 14 dos 17 setores industriais que compõem a pesquisa tiveram queda na atividade na comparação com igual período do ano passado. As maiores influências negativas partiram de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-20,9%), Couros e calçados (-23,9%) e Máquinas e equipamentos (-10,7%). Na outra ponta, o setor de Alimentos cresceu 3,5%.

A pesquisa Indicadores Industriais do RS mostrou que a indústria gaúcha manteve, no início do segundo semestre, a tendência positiva em meio ao processo de flexibilização do isolamento e à recuperação gradual da economia do país. Porém, ainda que intensa, a sequência positiva na margem ocorre em cima de base de comparação muito deprimida, o que mantém a atividade industrial em um nível historicamente muito baixo.

A tendência de recuperação deve continuar nos próximos meses, devendo, nesse ritmo, retomar o patamar pré-pandemia no último trimestre do ano. A incerteza com a economia brasileira, contudo, ainda é muito grande e tem como suas principais fontes a evolução da pandemia, o destino dos programas governamentais, como o auxílio emergencial e as medidas de proteção ao emprego, e as questões fiscais.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – julho de 2020)

	Variação %		
	Mês anterior*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	3,2	-7,8	-10,3
Faturamento real	7,3	-1,5	-11,1
Horas Trabalhadas na produção	3,7	-10,8	-11,6
Emprego	1,0	-4,8	-3,1
Massa salarial real	-0,2	-15,3	-9,6
UCI (em p.p.)	-0,1	-7,1	-6,3
Compras Industriais	8,4	-10,6	-18,0

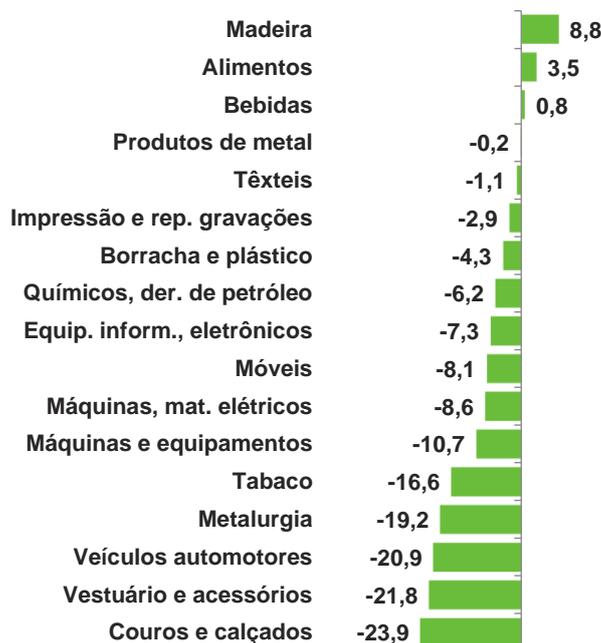
* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) (Índice base fixa mensal: 2006=100)



OBS: Série dessazonalizada.

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial (Variação jan-jul 2020/19 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.